

## *Alfabetização e Representações do Cotidiano na Cidade do Rio de Janeiro*

Pesquisadora: Mary Rangel (coordenadora), Marília Regis Queiroz Iannelli, Maristela Davi da Silva e Sheila Maria Guasti

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Fonte Financiadora: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)

### Introdução

A pesquisa orienta-se pela análise de representações do cotidiano das camadas populares (com atenção a conceitos e imagens de família, escola, trabalho, alimentação) em cartilhas de alfabetização adotadas em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. O estudo é complementado por entrevistas com alunos que utilizam as cartilhas.

Considerando-se as cartilhas ou outros textos de apoio à alfabetização como *meios de comunicação social* (significativos pela população e estágio de escolaridade que alcançam), pode-se entender a importância de estudar

a forma como representam a realidade cotidiana de camada majoritária da população brasileira em centros urbanos, como o Rio de Janeiro, de grande concentração popular.

O estudo de cartilhas atende, também, às observações de Soares (1989, p.30), no sentido de que "a produção sobre o tema cartilhas é, ainda, insuficiente" e de que "a cartilha no Brasil tem desempenhado papel fundamental no processo de alfabetização".

Há que se notar, ainda, que os anos 80 distinguem-se, no Brasil, pela predominância de estudos críticos sobre alfabetização, consolidando uma nova percepção crítico-social, orientada por

fundamentos progressistas; configura-se, deste modo, a alfabetização como processo vinculado à leitura de circunstâncias reais de vida.

A "visão crítica" da alfabetização, "distintiva dos anos 80" (Soares, 1989, p.26), e o pensamento progressista que a orienta, no interesse da emancipação das camadas populares, incluem questionamentos às cartilhas, dirigidos, entre outros aspectos, às representações pouco realistas do cotidiano.

Justifica-se, assim, investigar se o pensamento crítico, predominante na literatura de alfabetização nos anos 80, repercutiu na prática dos professores alfabetizadores, influenciando na utilização de cartilhas ou outros textos (selecionados entre as publicações existentes ou produzidos pelos próprios professores) que expressem, de modo realista, o cotidiano das camadas populares a que se destinam.

É interessante, também, destacar na perspectiva atual da alfabetização a substituição da ênfase em técnicas e em habilidades de prontidão pela ênfase na

*construção própria dos alunos* (vocabulário, conhecimento, experiências, vivências).

A importância atribuída à construção própria dos alunos inclui a percepção destes sobre as circunstâncias que, realmente, os envolvem; nessas circunstâncias se manifestam os elementos (os fatos, os fenômenos e as palavras que os explicam) que fazem parte de sua vivência. Reforça-se, então, na perspectiva atual do processo de aquisição da linguagem, a sua vinculação à leitura das situações reais de vida.

Embora a noção de "realidade" seja ampla e complexa, há sem dúvida, "indicadores" — baseados em estudos e observações consistentes do ponto de vista teórico-prático — que apontam elementos que elucidam, de maneira significativa, as condições reais de vida do cotidiano popular.

Desse modo, a pesquisa sobre alfabetização e representações do cotidiano na cidade do Rio de Janeiro recorreu a informações do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), do I Censo da Criança e do Adolescente da Cidade do Rio de Janeiro

(Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, novembro, 1990) e, também, a observações e entrevistas feitas em escolas públicas da periferia do Rio de Janeiro, para reunir indicadores sociais desse cotidiano, com atenção às condições de vida, nos aspectos de família, escola, trabalho e alimentação.

### Primeiros resultados

Os indicadores sociais até agora levantados se aproximam dos que se encontram em estudos como o de Votre, quando fala da criança da camada popular que usa as cartilhas:

...é uma criança fraca, não bem nutrida, que mora mal e veste pior; sua casa ou barraco ou apartamento não se localizam em lugares bem urbanizados (ou sequer urbanizados); nos barracos não há água encanada nem esgoto (Votre, 1980, p.21).

Indicadores como esses, quando comparados às representações de cartilhas (observados os limites das

que foram analisadas nesta primeira etapa da pesquisa, ou seja, Alves e Almeida, 1990; Fonseca e Magalhães, 1983; Kruehl, 1989; Laurino e Musto, 1991; Marote, 1991; Meireles e Meireles, 1984; Mendes e Grillo, 1991), mostram que, apesar da literatura crítico-social enfatizada nos anos 80, ainda se encontram nos anos 90, em cartilhas adotadas em cinco escolas públicas do Rio de Janeiro, conceitos e imagens distantes da vida real da camada majoritária da população que as utiliza. Os exemplos que se seguem demonstram essa constatação.

Assim acontece com a imagem bonita da casa, com jardim e "chaminé", onde a personagem da cartilha reside; com o hotel com piscina, onde a família se hospeda; com a imagem da geladeira cheia de alimentos que ilustra o texto sobre a hora do lanche, em que os meninos pedem gemada, geléia com queijo, gelatina, enquanto o "gato" foge da cozinha porque não quer tomar leite gelado; com o quarto da menina, que tem "quarenta" bonecas, quadros com pinturas aquarela, cortina e aquário; com papai que leva a família de jipe a

um piquenique; com o barco a motor, dirigido pela personagem principal da cartilha; com o bolo que a mamãe faz com gema de ovo.

Por esses exemplos, pode-se perceber que as representações — os conceitos e as imagens — não só se distanciam como invertem a situações reais do cotidiano popular.

Observando-se o interesse em não radicalizar a crítica, valorizando a importância do livro didático (e, portanto, da cartilha e da iniciativa de seus autores, incluindo aqueles cujos trabalhos foram e serão examinados) e reconhecendo, também, o valor da produção de textos na escola (por alunos e professores), as análises deste estudo se propõem menos a denúncias e mais a considerações que salientem a importância da leitura crítica e a influência da representação dos fatos nas percepções que orientam essa leitura. Essas considerações confirmam a necessidade de atenção ao conteúdo do livro didático, de modo geral, e da cartilha (objeto deste estudo) de modo especial.

Assinale-se, ainda, que, apesar

dos primeiros resultados, acredita-se que a continuidade da pesquisa traga a este estudo (e às suas considerações) livros ou textos produzidos por professores e alunos, que propiciem a leitura — real — do cotidiano na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda na perspectiva de continuidade, espera-se que as entrevistas que serão feitas com alunos que utilizam as cartilhas tragam subsídios importantes a este estudo.

#### Referências bibliográficas

- ALVES, E., ALMEIDA, M. da. *Davi, meu amiguinho*. Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- FONSECA, T.N. da, MAGALHÃES, J.M. *Pompom, meu gatinho*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1983.
- KRUEL, J.B.P.L. de. *Nova cartilha moderna*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- LAURINO, A.M., MUSTO, V.M.M.C. *Camila sonha...* São Paulo: FTP, 1981.

- MAROTE, D'O. *Cartilha aquarela*. São Paulo: Ática, 1991.
- MEIRELES, J., MEIRELES, E. *A casinha feliz*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- MENDES, S.R., GRILLO, L.S. *Cartilha da Angélica*. Rio de Janeiro: Bloch, 1991.
- MOSCO VICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SOARES, M. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: REDUC: INEP, 1989.
- VOTRE, S.J. Por uma lingüística aplicada à alfabetização. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.42, p.20-34, dez. 1980.